

AS CRÔNICAS MEDIEVAIS COMO FONTE DE PESQUISA: UMA ANÁLISE COMPARADA DE DUAS EDIÇÕES DA *CRÔNICA DE ALFONSO X*

Jaime Estevão dos Reis¹
Universidade Estadual de Maringá
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História
Laboratório de Estudos Medievais - LEM

Luiz Augusto Oliveira Ribeiro²
Laboratório de Estudos Medievais - LEM

Recebido: 01/06/2017
Aprovado: 11/06/2017

Resumo: Este artigo tem por objetivo realizar uma análise comparada da *Crônica de Alfonso X*, escrita em meados do século XIV, no reinado de Alfonso XI (1312 – 1350). Para isso, elegemos duas edições: a edição de 1875, elaborada por Cayetano Rosell a cargo da Biblioteca de Autores Españoles, e reeditada, sem alterações, em 1953, e a edição de 1988, realizada por Manuel González Jiménez, sob patrocínio da Real Academia Alfonso X el Sabio. Buscamos compreender as diferenças apresentadas em ambas as edições, no tocante à estruturação do texto, bem como a determinados acontecimentos do reinado de Alfonso, o Sábio (1252-1284).

Palavras-chave: Crônica; Alfonso X; Edições.

MEDIEVAL CHRONICALS AS SOURCE OF RESEARCH: A COMPARATIVE ANALYSIS OF TWO EDITIONS OF *CRÔNICA DE ALFONSO X*

Abstract: This article aims at achieving a comparative analysis of *Alfonso X's Chronicle*, written in the middle of XIV Century, in the reign of Alfonso XI (1312-1350). For that, we took two editions: the 1875 edition, made by Cayetano Rossel in charge of Biblioteca de Autores Españoles and reedited, without alterations, in 1953, and the 1988 edition, made by Manuel González Jiménez under sponsorship of Real Academia Alfonso el Sabio Alfonso X. We tried to understand the differences between both editions concerning the text structure as well as some events of Alfonso, the learned 's reign (1252 -1284).

Keywords: Chronicle; Alfonso X; Editions.

Introdução

A palavra crônica deriva do Latim *chronica* e caracteriza, desde o início do cristianismo, um modelo de registro dos fatos históricos de acordo com sua ocorrência, ou seja, em ordem cronológica.³

¹ E-mail: jaimeestevaoreis@hotmail.com.

² E-mail: laor.luiz@hotmail.com.

³ MASSAUD, M. **A criação literária:** prosa. São Paulo: Cultrix, 1984. p. 245. Cabe observar que na Grécia Antiga, o temo *chronikós* referia-se aos acontecimentos ocorridos ao longo do tempo. Para

Na Idade Média, as crônicas ganharam um *status* de História, os cronistas, todavia, buscavam registrar os acontecimentos sem a preocupação de investigar as causas ou estabelecer uma análise crítica dos mesmos. Segundo Massaud Moisés, “[...] a crônica atingiu o ápice depois do século XII, graças a Froissart, na França, Geoffrey of Monmouth, na Inglaterra, Fernão Lopes, em Portugal, Alfonso X, na Espanha”.⁴ O objetivo era elaborar um relato objetivo para garantir à posteridade a memória dos acontecimentos.

Certamente os cronistas não podiam registrar todos os acontecimentos e a história presente nas crônicas refere-se, na maioria das vezes, a episódios memoráveis, feitos e ações gloriosas de monarcas, guerras e batalhas, ações de nobres e homens da Igreja. Nos reinos hispânicos medievais, particularmente em Castela e Leão, os cronistas, laicos ou eclesiásticos, eram homens vinculados, em sua maioria, às cortes reais. Sob Alfonso X, o Sábio (1282-1284) foram escritas várias crônicas, conhecidas como *crônicas alfonsíes*, cujo objetivo era “recuperar” a história de Castela e Leão desde os tempos visigodos. Destacamos a *Primera Crónica General de España*,⁵ que se estende até o reinado de Fernando III, o Santo rei de Castela e Leão (1217/1230-1252).

A *Crônica de Alfonso X* que nos ocupamos neste artigo não foi, entretanto, escrita sob o reinado do monarca. Foi redigida a mando de seu bisneto, Alfonso XI (1311-1350), para preencher uma “lacuna” histórica, já que não se tinha um registro de mesma natureza sobre o reinado de Alfonso X.

A intenção de registrar as ações do monarca aparece no prólogo da *Crônica*:

[...] convém que os feitos dos reis, que assumem o lugar de Deus na terra, sejam registrados por escrito, particularmente dos reis de Castela e Leão, que pela lei de Deus e proveito da santa fé católica tiveram

André Burguière, “é na Grécia que o historiador da história encontra o primeiro exemplo de cronologia absoluta, ultrapassando a cronologia relativa oferecida pelas genealogias. Nem o tempo da Bíblia, nem o dos feiticeiros da África proporcionaram uma escala absoluta do tempo que possa comparar com o tempo astronômico” DUMOULIN, O. Cronologia. In: BURGUIÈRE, A. (Org.) **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 204.

⁴ MASSAUD, M. Op. Cit., p. 245.

⁵ O título completo é: *Primera crónica general de España que mandó componer Alfonso el Sabio y que se continuaba bajo Sancho IV en 1289*, redigida em três momentos: a *versão primitiva*, finalizada em 1274, a *versão crítica*, escrita entre 1282 e 1284, ano da morte de Alfonso X. A terceira, a *versão sanchina*, finalizada por Sancho IV, filho do monarca, em 1289.

muitos trabalhos e assumiram grandes perigos nos combates que travaram com os mouros expulsando-os da Espanha.⁶

O contexto de sua elaboração tem relação direta com o conteúdo da crônica, pois o fato do cronista registrar as primeiras medidas adotadas por Alfonso X (1252-1284) logo no início do seu reinado revela sua habilidade em resolver sérios problemas econômicos, como a alta dos preços, a escassez de alimentos, e políticos, como o comportamento indisciplinado da nobreza. Ao destacar tais fatos, o cronista tinha a intenção de que os leitores da *Crónica de Alfonso XI* (escrita no mesmo período) percebessem o quanto o rei, de quem Alfonso XI era descendente direto, era valoroso, enérgico e admirado.⁷

Alfonso XI (1312 – 1350) também enfrentou dificuldades semelhantes às de Alfonso X. Tornou-se rei com apenas um mês de idade, permanecendo, portanto, sob a proteção de tutores. Esta realidade provocou conflitos entre os grupos da nobreza que cercavam a casa real. A consequência imediata, pelo menos até a maioria do monarca, foi a paralização do movimento de Reconquista, além de grave crise econômica, guerras e conflitos.⁸

É esse cenário de conflitos e de disputa de poder entre o rei e a nobreza, que define o momento histórico de escrita da *Crónica de Alfonso X*. Além de atender ao objetivo inicial apresentado pelo cronista no início de sua redação, ou seja, preencher as lacunas históricas, a elaboração desse documento vincula-se ao momento conturbado do reinado de Alfonso XI, que apresenta algumas semelhanças - dadas as devidas ressalvas - com a realidade narrada sobre o reinado de Alfonso X (1252-1284), marcado, sobretudo, pela revolta nobiliária de 1272-1273.

⁶ “[...] conuiene que los fecho de los reyes, que tienen lugar de Dios en la tierra, sean fallados en escripto, sennaladamente de los reyes de Castilla e de León, que por la ley de Dios e por acresçentamiento de la santa fee católica tomaron mucho trabajos e se posyeron a grandes peligros en las lides que ouieron con los morros echándolos de Espanna”. CRÓNICA DE ALFONSO X. (Ed.). Manuel González Jiménez. Murcia: Real Academia Alfonso X el Sabio, 1998. p. 3 [Prólogo].

⁷ Cf. MARTÍNEZ, Purificación. La imagen del monarca en la Crónica de Alfonso X. CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN INTERNACIONAL DE HISPANISTAS, 13., Madrid, 2000. *Actas...* Madrid: s/n, 2000. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/13/aih_13_1_027.pdf>. Acesso: 08 fev. 2013.

⁸ SÁNCHEZ-ARCILLA BERNAL, José. **Alfonso XI (1312-1350)**. Paléncia: La Olmeda, 1995.

A *Crônica de Alfonso X*, bem como a *Crônica de Alfonso XI* assumem, nitidamente, um caráter propagandístico de afirmação e legitimação do poder real, em face dos acontecimentos vivenciados por ambos os monarcas em seus governos. O resgate da memória histórica do reinado de Alfonso X, por intermédio da escrita de sua crônica, transforma-se em instrumento político legitimador das ações de Alfonso XI.⁹

Neste artigo temos como objetivo elaborar uma análise comparada de duas edições da *Crônica de Alfonso X*. A primeira, realizada por Cayetano Rosell em 1953.¹⁰ A segunda, por Manuel González Jiménez em 1988. A reedição de Cayetano Rosell foi publicada pela Biblioteca de Autores Españoles, sem alterações, mantendo-se as características da edição de 1875 no tocante aos manuscritos e a tradução. A edição de Manuel González Jiménez, a terceira existente, foi patrocinada pela Real Academia Alfonso X el Sabio. Trata-se de uma edição crítica, na qual o autor revê a organização e a estruturação dos manuscritos utilizados por Cayetano Rosell.

As crônicas medievais: fontes e métodos

Antes de passarmos à análise comparativa destas duas edições da *Crônica de Alfonso X*, vamos resgatar a importância do trabalho metodológico e os cuidados necessários para uma análise crítica das crônicas medievais. Esse trato metodológico da fonte torna-se necessário porque um dos elementos a ser considerado são as edições e que podem, muitas vezes, influenciar o trabalho do historiador.

Conforme observamos, além de feitos memoráveis, as crônicas medievais retratam determinado contexto histórico, seus aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais, bem como a forma como os contemporâneos enxergavam a sua realidade. Essa pluralidade de informações amplia os campos de estudos para

⁹ Sobre a ideia de propaganda política na Idade Média, conferir: CAMMAROSANO, P. (Dir.). **Le forme della propaganda politica nel due e nel trecento**. Rome: École Française de Rome, 1994.

¹⁰ Esta publicação é, na realidade, uma reedição da edição elaborada pelo próprio Cayetano Rosell, em 1875.

quem se debruça sobre tais documentos.¹¹ Todavia, há que se ter um olhar cuidadoso na investigação das crônicas, considerando que elas podem conter uma intencionalidade não declarada, assim como qualquer outro documento histórico. Dessa forma, cabe ao pesquisador estabelecer parâmetros que lhe permitam elaborar uma análise crítica, sem incorrer na mera reprodução dos fatos narrados.

Segundo Moses Finley,¹² a realização de uma pesquisa histórica exige que o pesquisador leve em consideração alguns elementos fundamentais ao exercício da investigação. Informações acerca do contexto de elaboração da fonte, da autoria, da tipologia e dos termos, bem como da historiografia relativa ao documento e ao objeto de análise, tornam o trabalho do historiador mais crítico e responsável. Além disso, é preciso que sua tipologia e características específicas sejam consideradas como gênero literário ou como gênero histórico.¹³

Na relação entre crônica medieval e História, uma retomada do conceito de História durante a Idade Média faz-se necessária. Recorremos ao *Dicionário Temático do Ocidente Medieval* (2006), que assim a define,

A história é um relato simples e verdadeiro, visando transmitir à posteridade a memória do que passou. [...] Naturalmente, a história não podia conservar a memória de tudo o que havia passado. Só devia fixar o que era digno de lembrança e relatar coisas memoráveis. Isto é, os prodígios, as guerras, os atos de príncipes e santos.¹⁴

¹¹ TULIANI, Maurizio. La idea de Reconquista en un manuscrito de la Crónica General de Alfonso X el Sabio. *Studia Historica. Historia Medieval*, Salamanca, v. 12, p. 3-23, 1994. Disponível em: <http://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/69793/1/La_idea_de_Reconquista_en_un_manuscrito.pdf>. Acesso: 01 jan. 2013. p. 3.

¹² FINLEY, Moses. *História Antiga: Testemunhos e Modelos*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

¹³ A crônica medieval está relacionada a definições como gênero histórico e/ ou literário, uma vez que apresenta características destes dois campos de estudo. Leonardo Funes (1997), ao fazer um mapeamento dos estudos das crônicas ao longo do tempo, explica que durante o século XVIII, com os Iluministas, este gênero passa a ser considerado literário, pois não se adequava aos critérios da História como ciência. Somente no século XIX que se busca, novamente, caracterizar a crônica como gênero histórico. Atualmente, a crônica medieval tem sido objeto de estudo tanto da História como da Literatura, se caracterizando como um documento histórico-literário, portanto, exige a interdisciplinaridade do trabalho de investigação. Ver. FUNES, Leonardo. Las crónicas como objeto de estudio. *Revista de poética medieval*, 1, p. 123-144, Buenos Aires: 1997. Disponível em: <<http://dspace.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/4285/Las%20Cr%C3%B3nicas%20como%20Objeto%20de%20Estudio.pdf?sequence=1>>. Acessado em: 19/04/2014.

¹⁴ GUENÉE, Bernard. História. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. v. I. Bauru, SP: Edusc, 2006. p. 526.

A ideia de memória para o homem medieval era um conceito amplo e estava em oposição ao esquecimento. A memória englobava as comemorações rituais dos mortos e, também estava ligada aos objetos e à manipulação de objetos que rememoravam ao homem determinados episódios.¹⁵ As explicações tradicionais da relação que se estabelece entre memória e história já não são suficientes para a compreensão e aplicabilidade do conceito. Peter Burke esclarece que:

Tanto a história quanto a memória passaram a revelar-se cada vez mais problemáticas. Lembrar o passado e escrever sobre ele não mais parecem atividades inocentes que outrora se julgava que fossem. Nem as memórias nem as histórias parecem mais ser objetivas. Nos dois casos, os historiadores aprendem a levar em conta a seleção consciente ou inconsciente, a interpretação e a distorção como condicionado, ou pelo menos influenciado, por grupos sociais. Não é obra de indivíduos isolados.¹⁶

Além de enfatizar que o conceito de memória tem sido observado de forma ainda mais complexa, o autor explica que ela não é fruto de indivíduos isolados, mas é influenciada pelos grupos sociais e pelo coletivo. Desta forma o termo “*memória social*” resume o complexo processo de registro e recordação do passado, pelo qual perpassa a memória.¹⁷

Se na Idade Média, a crônica era uma das maneiras de registrar a memória e, por consequência, fazer a História, atualmente tem sido objeto de investigação de vários pesquisadores e estudiosos do medievo, especialmente, da Baixa Idade Média. Segundo Marcela Lopes Guimarães,

A crônica histórica tardo-medieval é uma realização discursiva narrativa, [...] com intenção de verdade, ainda que incorpore elementos ficcionais que servem a essa verdade. [...] Ora, ao afirmar ser a crônica um texto narrativo, isso significa que seu estudo inclui elementos como foco, espaço, tempo, personagens, enredo, figuras e intertextualidade que, dentre mais componentes, interessam aos Estudos Literários; assim como a transcrição de manuscrito e a realização de edições críticas

¹⁵ GEARY, Patrick. Memória. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. v. I. Bauru, SP: Edusc, 2006. p. 167.

¹⁶ BURKE, Peter. História como memória social. In: _____. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000. p. 69-70.

¹⁷ Ibidem. p. 71-72.

interessam prioritariamente à Filologia que, ao fim, acaba por realizar um trabalho de que todos os medievalistas precisam.¹⁸

Devemos compreender que a crônica medieval enquanto documento de análise interdisciplinar exige dos pesquisadores, independentemente da área do conhecimento, os cuidados específicos de um texto narrativo. Ao historiador do presente, cabe, primeiramente, conhecer a documentação, o contexto no qual ela foi produzida e, a partir destes elementos, questioná-la de forma adequada, considerando as noções de tempo, espaço e personagens envolvidos na narrativa. Além disso, deve-se levar em conta a busca pela “verdade”, elemento que, naquele momento, garantia prestígio e respeito às obras.

Um documento histórico não se constitui sozinho, uma vez que não é natural ou preexistente à pesquisa histórica, mas, se organiza na interação com o sujeito pesquisador. Portanto, “[...] nem o objeto impõe condições absolutas ao sujeito, o obrigando a uma adaptação total para ascender a seu conhecimento, nem o sujeito projeta suas categorias e inventa um objeto de outro modo inexistente”.¹⁹

Pensar o objeto de estudo como algo construído na relação com o sujeito pesquisador pressupõe a dialética da produção historiográfica. Aos pesquisadores da Idade Média, por vezes, essa relação torna-se mais conflituosa, levando-se em conta a necessidade de identificar o contexto de produção e também período ao qual a documentação se refere, além de não descartar o próprio contexto do historiador ou do pesquisador que se propõe ao estudo.

Grande parte das crônicas medievais recupera em sua narrativa documentos de época, que só chegaram aos nossos dias devido à sua preservação. Logo, em uma reflexão sobre a crônica é preciso cuidado para a compreensão dos documentos – em sua maioria cartas e registros de Corte – inseridos na narrativa, mas, também, considerar a construção textual de seu tempo, que responde às

¹⁸ GUIMARÃES, Marcela Lopes. Crônica de um gênero histórico. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, Curitiba, n. 2, p. 67-78, 2012. p. 70. Disponível em: <<http://dialogosmediterranicos.com.br/index.php/RevistaDM.../23/65>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

¹⁹ “[...] ni el objeto impone condiciones absolutas al sujeto, obligándolo a una adaptación total para acceder a su conocimiento, ni el sujeto proyecta sus categorías e inventa un objeto de otro modo inexistente [...]” FUNES, Leonardo. Las Crónicas como objeto de estudio. **Revista de poética medieval**, Buenos Aires, v. 1, p. 123-144, 1997. p. 123. Disponível em: <<http://dspace.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/4285/Las%20Cr%C3%B3nicas%20como%20Objeto%20de%20Estudio.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 19 abr. 2014.

expectativas e anseios daqueles que estavam envolvidos no contexto, bem como na elaboração do texto. Dessa forma, é preciso compreender que:

As crônicas narram histórias tão importantes quanto averiguar a sucessão de fatos e cotejá-los com outros tipos de fontes, é analisar a maneira como o cronista narrou: seus juízos, interferências, interlocução, metáforas e natureza das compilações realizadas.²⁰

A participação do cronista e sua intensa contribuição na produção textual não podem ser isentas de análises. Existe na seleção feita pelo autor uma intencionalidade, respondendo às exigências superiores que, em sua maioria, estão inseridas dentro de um contexto político mais amplo. Ou seja, as crônicas medievais são produtos das cortes que as encomendam e, em grande medida, atendem aos anseios e expectativas dos reis solicitantes.

O trabalho do historiador se encontra na capacidade de compreender a forma da escrita e de investigar a fonte, justamente para entender a interlocução do autor com o texto. Muitas vezes, as crônicas medievais proporcionam um caráter misto na apresentação, além da narrativa do cronista, há também os documentos do contexto retratado.

A relação existente entre crônica e História é estreita. Os pesquisadores lançam mão dos discursos cronísticos medievais, por entenderem que “[...] a elucidação dos modos de viver, de desejar ser visto, de pensar, de se relacionar com a tradição, com o passado e com o futuro”,²¹ são uma constante nas crônicas tardo-medievais. Pensar essa tipologia documental pressupõe a consciência da necessidade do trabalho interdisciplinar, não só pela ampliação das análises ocorridas, a partir do século XX, mas, principalmente, por compreender a crônica como um documento capaz de oferecer às pesquisas, as mais diversas informações e análises ligadas à mentalidade do homem medieval, sua maneira de encarar o passado e projetar seu futuro, por meio de relatos considerados históricos.

Quando ponderamos acerca da ação do cronista, é preciso levar em conta que, o papel por ele exercido na produção das crônicas atrelava-se ao que se esperava dele. Assim, mais do que analisar meramente um discurso, a preocupação

²⁰ GUIMARÃES, Marcela Lopes. Op. Cit., p.74.

²¹ Idem.

com o estudo das crônicas passa pela necessidade de compreender um contexto político e os ideais do momento.

A *Crónica de Alfonso X* tem sido objeto de pesquisa dos historiadores e filólogos, que buscam compreender não só a narrativa, mas também o seu discurso histórico. De acordo com Maurizio Tuliani,

Para a historiografia moderna seu interesse particular não se estabelece só nos sucessos que se relatam, mas também na forma em que a narração se desenvolve, na maneira de refletir o ambiente cultural em que se escreve, nas ideias políticas e religiosas que constituem o bastidor da obra.²²

O que se evidencia nas crônicas é a intenção do cronista em esclarecer o leitor acerca dos objetivos da obra e a forma como ela foi elaborada. Geralmente, essas informações aparecem no prólogo, como ocorre na *Crónica de Alfonso X*:

Por muitos modos e por muitas maneiras, os antigos que foram nos primeiros tempos quiseram que as coisas que foram faladas e passadas se pudessem saber. E por nobreza de si mesmo, sendo leal aos que eram de bem, fizeram escrever, entendendo que deste modo poderia melhor sabê-las os que viessem depois deles e aqueles feitos ficariam guardados e durariam muito tempo.²³

Por se tratar de um gênero histórico capaz de registrar acontecimentos, fica evidente a preocupação de narrar uma história que permanecesse viva ao longo do tempo. Na *Crónica de Alfonso X*, os acontecimentos são relativos ao reinado do monarca, tendo sido encomendada por Alfonso XI (1312-1350), seu bisneto no final de seu reinado. Porém, no decorrer da investigação encontramos dificuldade para definir a data de escrita do documento. Sabemos que o prólogo registra o

²² “Para la moderna historiografía su particular interés no radica sólo en los sucesos que se relatan, sino también en la forma en que la narración se desarrolla, en la manera de reflejar el ambiente cultural en que se escribe, en las ideas políticas y religiosas que constituyen el trasfondo de la obra”. TULIANI, Maurizio. Op. Cit., p.3.

²³ “Por muchas guisas e por muchas maneras los antiguos que fueron en los tiempos primeros quisieron que las cosas que fueron falladas e pasaron se podiesen saber. Et por nobleza de sy mesmos, seyendo leales a los que eran de benir, fiziéronlas escreuir, entendiendo que por esta guisa las podrían mejor saber los que veniesen en pos ellos et aquellos fechos fincarían guardados e durarían grandes tiempos”. CRÓNICA DE ALFONSO X. Ed. Manuel González Jiménez. Op. Cit., p. 3.

monarca como senhor de Algeciras, cidade conquistada no ano de 1344, data provável de sua elaboração.²⁴

O mesmo acontece quando se busca determinar a autoria da *Crónica de Alfonso X*. Manuel González Jiménez sugere dois possíveis autores: Fernán Sánchez de Tovar ou Fernán Sánchez de Valladolid. Manuel González Jiménez afirma existir certo desacordo entre os historiadores Julio Puyol, Salvador de Moxó e Diego Catalán, Puyol, sobre essa questão. Puyol apesar de atribuir à autoria da *Crónica* a Fernán Sánchez de Valladolid, faz algumas confusões com os dois nomes, enquanto Moxó, como conhecedor do reinado de Alfonso XI – período de elaboração da *Crónica de Alfonso X* – afirma que os dois nomes correspondem à mesma pessoa, opinião compartilhada por Diego Catalán.²⁵

Portanto, é provável que Fernán Sánchez de Valladolid, membro da chancelaria do rei Alfonso XI, seja o autor. Também é possível que alguns colaboradores tenham participado da elaboração do texto, considerando que as atividades de copistas e tradutores eram muito comuns na Idade Média. Isso explicaria algumas divergências na forma da escrita ao longo do texto.²⁶

Passemos à análise comparativa de duas edições da *Crónica de Alfonso X*. A edição de 1953, na verdade uma reedição, sem alterações, da primeira edição de 1875 a cargo de Cayetano Rosell, publicada pela Biblioteca de Autores Españoles, e a edição elaborada por Manuel González Jiménez em 1988, sob patrocínio da Real Academia Alfonso X el Sabio.

Uma análise comparada da *Crónica de Alfonso X*: a edição de Cayetano Rosell (1875/1953) e a de Manuel González Jiménez (1998)

As investigações apontam a existência de pelo menos 34 manuscritos da *Crónica de Alfonso X*. A maioria pertence à Biblioteca de Madri, apenas um deles, do século XVI, encontra-se em Nova Iorque, na Hispanic Society of America.

²⁴ GONZÁLEZ JIMÉNEZ, M. Una nueva edición de la Crónica de Alfonso X. **Cahiers de linguistique hispanique médiévale**, Lyon, v. 23, n. 1 p. 177-212, 2000. p. 181. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/cehm_0396-9045_2000_num_23_1_918>. Acesso em: 21 dez. 2012.

²⁵ Idem.

²⁶ Ibidem. p. 182.

Segundo Paula Kelley Rodgers (1987) somente quatro manuscritos pertencem ao século XIV e estão assim localizados: o primeiro encontra-se na Biblioteca del Real Monasterio de San Lorenzo de El Escorial (Ms. Y. I. 5); o segundo pertence à Biblioteca Nacional de Madri (Ms. 10132); o terceiro é de propriedade da Real Academia de História de Madri (Ms. 9-4761); e o quarto, na Biblioteca Menéndez Pelayo de Santander (Ms. 563).²⁷

A maioria dos manuscritos foi datada nos séculos XV e XVI, o que demonstra o interesse pela *Crónica de Alfonso X* na Europa no início do período moderno. Dentre os manuscritos mais utilizados pelos historiadores estão o de número 829, da Biblioteca Nacional de Madrid, e o de número 2777, da Biblioteca do Palácio do Oriente, também em Madri, considerados os mais completos. O primeiro manuscrito (Ms. 829) está disponível *on line*, mais precisamente, no *site* da Biblioteca Nacional da Espanha – Biblioteca Digital Hispánica. Datado de 1489, apesar de apresentar erros cronológicos e não ser considerado o melhor disponível foi utilizado por Cayetano Rosell na edição publicada em 1875 e por José Luis Villacañas Berlanga, em 2005.²⁸

O manuscrito 2777, da Biblioteca do Palácio do Oriente de Madri, foi utilizado por Manuel González Jiménez, para sua edição de 1998. Além desses, outro manuscrito ganhou visibilidade nos últimos anos, o 10132, da Biblioteca Nacional da Espanha, igualmente disponibilizado na *internet*, assim como o MS. 829.

O manuscrito 10132²⁹ é considerado o mais antigo, datado entre 1301 e 1400, sempre consultado para a elaboração das edições da *Crónica de Alfonso X*, uma vez que representa o documento mais próximo do original que se tem

²⁷ Paula Kelley Rodgers publicou, em 1987, sua tese acerca da *Crónica de Alfonso X*, centrada na crítica à edição de Cayetano Rosell, mas também, elaborou uma análise de todos os manuscritos existentes, localizando-os ao leitor e descrevendo o estado de conservação dos mesmos. Sua investigação possibilitou novos estudos e edições da *Crónica*. Conferir: RODGERS, Paula Kelley. **Prolegomena to a Critical Edition of the “Cronica de Alfonso X”**. Michigan: University Microfilms Service, 1987. Disponível em: <<http://escholarship.org/uc/item/3rk2d1ft#page-17>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

²⁸ GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel. Op. Cit., p. 177-178.

²⁹ Manuscrito disponível no site da Biblioteca Digital Hispánica, vinculada à Biblioteca Nacional de Espanha. Disponível em: <<http://bdh.bne.es/bnearch/detalle/2710397>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

conhecimento até hoje. Estes manuscritos tem formado a base de consulta para as edições recentes da *Crónica de Alfonso X*.

Existem seis edições da *Crónica de Alfonso X*, a primeira publicada por Miguel de Herrera em Valladolid, em 1554; a edição de Cayetano Rosell de 1875, pela Biblioteca de Autores Españoles, reeditada em 1953 pela mesma biblioteca; a quarta, da Real Acedemia de Alfonso X El Sabio, organizada por Manuel González Jiménez em 1998; a quinta, publicada pela *The University Press of Kentucky* e organizada por Shelby Tracker e Jose Escobar, em 2002 e a sexta, da Biblioteca Saavedra Fajardo, organizada por José Luis Villacañas Berlanga em 2005.

O foco desta discussão, no entanto, centrar-se-á nas edições de Cayetano Rosell, de 1875, reimpressa em 1953 e a edição de Manuel González Jiménez de 1998. Essa análise comparativa nos permite compreender as mudanças ocorridas no trabalho metodológico de manuseio das fontes nos cerca de 100 anos que separam a (re)edição de Caetano Rosell e a de Manuel González Jiménez.

A edição de Caetano Rosell recebeu inúmeras críticas por parte de estudiosos da *Crónica de Alfonso X*, especialmente daqueles que se dedicam à sua análise textual. Destacamos as observações da pesquisadora Paula Kelley Rodgers, cuja tese de doutoramento constitui-se em uma crítica a essa edição:

Em resumo, a edição da BAE pode ser descrita como uma transcrição extremamente defeituosa do Ms. 829, BNM [Biblioteca Nacional de Madrid], ocasionalmente corrigida por VI 554 [Valladolid, 1554] e, no Prólogo, pelo Ms. 10195, BNM. Não há provas que indiquem qualquer agrupamento formal das principais testemunhas empregado em algum ponto da edição ou que o MS. M.II.2, BES [Biblioteca del Real Monasterio de San Lorenzo de El Escorial] ou qualquer manuscrito Escorial foi consultado.³⁰

O grande problema dessa edição de 1875/1953 é a falta de cotejamento de fontes auxiliares, que poderiam auxiliar no esclarecimento de passagens obscuras nos manuscritos, além do total despreendimento do editor em relação às lacunas

³⁰ "In summary, the BAE edition can be described as an extremely defective transcription of MS. 829, BNM [Biblioteca Nacional de Madrid], occasionally corrected by VI 554 [Valladolid, 1554] and, in the Prologue, by Ms. 10195, BNM. There is no evidence to indicate that a formal collation of the claimed witnesses was employed at any point in the edition or that MS. M.II.2, BES [Biblioteca Del Real Monasterio de San Lorenzo de El Escorial], or any Escorial MS was consulted". RODGERS, Paula Kelley. Op. Cit., p. 249.

que o manuscrito utilizado deixou na transcrição do texto. Além disso, há a questão da modernização das palavras e da grafia do século XIV, prática adotada pelos autores do século XIX, declarada pelo próprio Cayetano Rosell:

Não estranhem nossos leitores a irregularidade é inconseqüência que notarão no sistema, ou melhor, na falta total do sistema de ortografia que empregamos. A variedade com que escrevemos nomes e verbos, umas vezes respeitando sua forma antiga, outras os modernizando, usando indistintamente maiúsculas e minúsculas, e desconsiderando completamente os signos prosódicos das vozes, proveniente da mesma incorreção que se vê nos originais.³¹

John Esten Keller afirma que o manuscrito 829 escolhido por Cayetano Rosell, não é o mais indicado por apresentar erros topográficos e de grafia que não foram apontados em sua edição.³² A justificativa do editor aos leitores não tem caráter explicativo, mas informativo. Apesar de disponibilizar pela primeira vez o texto da *Crónica de Alfonso X*, o trabalho resulta num texto problemático e que deve ser utilizado com cautela como fonte para o estudo do reinado de Alfonso X.

Para sua edição crítica da *Crónica de Alfonso X*, Manuel González Jiménez utilizou o manuscrito II/2777 da Biblioteca do Palácio do Oriente de Madri que, apesar da perda de alguns fragmentos, lhe pareceu mais apropriado. As lacunas do texto foram suprimidas pelo editor por meio de consultas a outros manuscritos da Biblioteca Nacional da Espanha (MS. 829; MS. 10195 e MS. 2880), além da abundância de notas explicativas. Seu objetivo foi

“[...] disponibilizar aos leitores interessados no reinado de Alfonso X uma Crônica que, apesar de suas muitas falhas, é uma referência obrigatória para o estudo do reinado e obra de Alfonso X. Tentei oferecer [...] os elementos interpretativos que permitem o entendimento

³¹ “No extrañen nuestros lectores la irregularidad é inconsecuencia que notarán en el sistema, ó mejor dicho, en la falta total de sistema de la ortografía que hemos empleado. La variedad con que escribimos nombres e verbos, unas veces respetando su forma antigua, otras modernizándolos, usando indistintamente de mayúsculas ó minúsculas, y desatendiendo completamente los signos prosódicos de las voces, proviene de la misma incorrección que se ve en los originales.” CRÓNICA DEL REY DON ALFONSO X. In: ROSELL, D. C. (Ed). **Crónicas de los Reyes de Castilla**. Madrid: Atlas, 1953. t. 1 (BAE). p. IX.

³² KELLER, John Esten. Preface. In: **CHRONICLE OF Alfonso X**. Shelby Thacker, José Escobar (Ed.). Lexington: The University Press of Kentucky, 2002.

da *Crónica*, e também corrigi-la e completa-la nas passagens que precisam”.³³

Além do cotejamento de vários manuscritos, o autor identificou quatro sessões temáticas que estruturam a obra, escritas separadamente, e que não apresentam uma ordem cronológica dos acontecimentos. Esse é, notadamente, um dado esclarecedor que a edição de Cayetano Rosell não apresenta, o que torna a análise da *Crónica* mais complexa.

A primeira seção da *Crônica* contempla o período de 1252 a 1272 (capítulos I ao XIX). Essa parte trata da ascensão de Alfonso X ao trono de Castela e Leão, a organização monetária dos reinos de Castela e Leão e, sobretudo, a política de manutenção dos territórios conquistados por Fernando III, bem como dos pequenos reinos muçulmanos incorporados pelo próprio Alfonso, como Niebla, Tejada, Jerez, Arcos, Lebrija, entre outros.

A segunda seção compreende os anos de 1272 e 1273 (capítulos XX ao LVIII), relata a revolta nobiliária deste período e os enfrentamentos com Alfonso X. Nesta parte o cronista reproduz uma rica documentação de época, especialmente, as cartas de reivindicações nobiliárias ao monarca. Esses capítulos da *Crónica de Alfonso X* constituem, portanto, uma exceção à estrutura até então apresentada ao leitor. Elimina os erros cronológicos e apresenta cerca de cinquenta e sete documentos transcritos.

A terceira seção trata dos anos de 1274 e 1275 (capítulos LIX ao LXIV) aborda, fundamentalmente, o fim da revolta nobiliária. O cronista menciona os preparativos da viagem de Alfonso X à corte imperial.³⁴

³³ “[...] poner a disposición de los lectores interesados en el reinado de Alfonso X una Crónica que, a pesar de sus muchos defectos, es de obligada referencia para el estudio del reinado y obra de Alfonso X. He tratado de ofrecer [...] los elementos interpretativos que permitan entender la Crónica, y también corregirla y completarla en los pasajes que precisan.” GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel. Op. Cit., p. 180-181.

³⁴ A questão do Império é importante para Alfonso X (1252 – 1284). O rei Sábio buscou se consolidar como um rei de destaque na Península Ibérica e, a partir disso, reclamar o trono do Sacro Império Romano-Germânico. Além de não abrir mão de sua herança germânica advinda de sua mãe, Alfonso X busca junto aos nobres o apoio para garantir sua coroação, que ficou ainda mais evidente após o discurso de Bandino Lancia que reconhecia Alfonso X como imperador. Para esta discussão, conferir: GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel. **Alfonso X El Sabio**. Barcelona: Ariel, 2004. p. 111-115.

A quarta e última seção, refere-se ao período de 1275 a 1284 (capítulos LXV ao LXXVII) e trata dos feitos de Sancho IV, filho do monarca, contra os *benemerines*³⁵ e, sobretudo, da questão sucessória. O segundogênito reivindica a sucessão ao trono, em detrimento aos filhos de Fernando de La Cerda, herdeiros diretos da coroa.³⁶ Esta parte é completada pelo relato dos enfrentamentos e negociações com o rei de Granada.

A edição de Manuel González Jiménez (1998) amplia as possibilidades de investigação acerca do reinado de Alfonso X, uma vez que preenche muitas das lacunas e erros de datação dos acontecimentos, presentes na edição de Cayetano Rosell (1875/1953).

Na impossibilidade de compararmos todos os problemas apresentados nesta edição, citamos dois exemplos. O primeiro relativo ao capítulo XIX, o último da primeira seção. Em sua edição, Cayetano Rosell, ao tratar da expedição de Alfonso X à cidade de Salé, no Marrocos, em setembro de 1260, transcreve seu nome como Cáliz (Espanha).³⁷ Manuel González Jiménez corrige a grafia para Çalé (Marrocos).³⁸ O segundo, no capítulo LIX ao tratar dos preparativos da viagem de Alfonso X ao Império, Cayetano Rosell afirma que os navios foram carregados nos portos de Algecira.³⁹ Baseando-se no manuscrito II/2777 da Biblioteca do Palácio

³⁵ Dinastia berbere dos Banu Marin do norte da África.

³⁶ Com a morte de Fernando de La Cerda, Sancho IV apresenta-se como candidato ao trono de Castela, apesar da insatisfação de Alfonso X. A resistência do monarca deve-se à sua preferência de que, seu neto Alfonso, filho de Fernando de La Cerda, fosse declarado futuro rei. No entanto, Sancho IV articula com parte da nobreza a sua ascensão ao trono. Conferir: PIZARRO DÍAS, Nuno. O dilema de Alfonso X. **Revista da Faculdade de Letras**. História, Porto, s. II, v. 15, n. 2, 1998, p. 1345-1360. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4061.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2013.

³⁷ “*En los diez é siete años del regnado deste rey don Alfonso, que fué en la era de mil é trescientos é siete años, é andaba el año de la nascencia de Jesucristo en mil é doscientos é sesenta é nueve, seyendo el Rey llegado á Sevilla, sopo que la villa de Cáliz, que es puerto allende la mar, se estaban las gentes della seguradas, é las puertas de la villa que las neon guardaban de dia, nin de noche non las cerraban; é dijeron al Rey que si enviaba y la su flota con gentes, que tomarian aquella villa de Cáliz*”. CRÓNICA DEL REY DON ALFONSO X. In: ROSELL, D. C. (Ed). **Crónicas de los Reyes de Castilla**. Madrid: Atlas, 1953. t. 1 (BAE). p. 13-14. Grifo nosso.

³⁸ “*En los diez e siete annos del regnado deste rey don Alfonso, que fue en la era de mill e trezentos e syete et andaua el año de la nascençia de Ihesu Christo de mill e dozientos e sessenta et nueve anos, seyendo el rey llegado a seuilla, sopo que la villa de Çalé, que es puerto allende la mar, se estauan las gentes della seguradas e las puertas de la villa que las non guardauan de día nin de noche non las çerrauan. Et dixieron al rey que sy enbiase y la su flota com gentes, que tomaría aquella villa de Çalé*” CRÓNICA DE ALFONSO X. (Ed.). Manuel González Jiménez. Op. Cit., p. 53-54. Grifo nosso.

³⁹ “*Otrosí mandó cargar en Sevilla é en los puertos de Algecira muchas naves de trigo [...]*” CRÓNICA DEL REY DON ALFONSO X. In: ROSELL, D. C. (Ed). Op. Cit., p. 47. Grifo nosso.

do Oriente de Madri, Manuel González Jiménez, conclui que os carregamentos se deram nos portos de Gallizia e das Asturias.⁴⁰

Ao longo de todo o texto da edição da *Crônica de Alfonso X* organizada por Cayetano Rosell, há indicações das modificações efetuadas, seja de ordem ortográfica, ou de apresentação dos capítulos. Diferentemente de Manuel González Jiménez, Rosell não problematiza e não confronta a documentação, o que o impede de disponibilizar ao pesquisador uma edição crítica. Sua edição, ao contrário, contém inúmeras imprecisões técnicas e certo empobrecimento das informações.

Considerações finais

Neste artigo procuramos realizar uma análise comparada de duas edições da Crônica de Alfonso X: a primeira edição, de 1875, reeditada em 1953 pela Biblioteca de Autores Españoles, e a edição realizada pelo medievalista Manuel González Jiménez em 1998, a cargo da Real Academia Alfonso X, el Sabio.

A análise comparativa aqui proposta teve por objetivo não somente confrontar duas edições diferentes, mas também duas formas de pensar a História e o documento histórico. Se na edição de Cayetano Rosell, não há qualquer menção à historiografia e/ou a outros documentos que poderiam dar suporte ao trabalho de publicação realizado pelo autor, sobretudo no que se refere à busca por uma aproximação à linguagem original do manuscrito, isso é reflexo da forma de pensar a fonte histórica em fins do século XIX.

A edição de Manuel González Jiménez, de 1998, apresenta as características de um estudo crítico de acordo com perspectiva de investigação proposta pelos *Annales*, ou seja, a de que o historiador deve sempre perscrutar o documento. É exatamente essa a preocupação do autor, ao afirmar:

Sabíamos [...] que se tratava de um texto cheio de problemas, cheio de erros cronológicos e até mesmo parcial em muitos de seus julgamentos. Quase todas essas reprovações poderiam ser sanadas com a utilização de outras fontes, principalmente documentais, e com olhar criterioso do historiador.⁴¹

⁴⁰ "Otrosoy mandó cargar en Seuilla e en los puertos de **Gallizia** e de **Asturias** muchas naues de trigo [...]". CRÓNICA DE ALFONSO X. (Ed.). Manuel González Jiménez. Op. Cit., p.171. Grifo nosso.

⁴¹ "Sabíamos [...] que se tratava de un texto lleno de problemas, plagado de errores cronológicos y hasta parcial en muchos de sus juicios. Casi todos esses reproches podían ser subsanados con el

O cotejamento dos manuscritos, o manuseio de uma rica documentação do período e, sobretudo, o estreito diálogo com especialistas na obra alfonsina, permitem ao autor a elaboração de uma edição crítica da *Crónica de Alfonso X*. Tal edição não dispensa o pesquisador interessado no reinado de Alfonso X, dos cuidados que deve ter ao trabalhar com essa fonte. Deve-se levar em conta não apenas o conteúdo apresentado no documento, mas, especialmente que o compreende o seu exterior, o contexto de elaboração, as intencionalidades e as motivações que levaram à sua produção no reinado de Alfonso XI (1312 – 1350), bisneto do monarca.

Referências bibliográficas

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal. Do ano mil à colonização da América**. Trad. Marcelo Rede. São Paulo: Globo, 2006.

BURKE, Peter. História como memória social. *In*: __. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000. p. 67-89. Disponível em: <http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Burke-memoria_social.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2017.

CAMMAROSANO, P. (Dir.). **Le forme della propaganda politica nel due e nel trecentos**. Rome: École Française de Rome, 1994.

CRÓNICA DE ALFONSO X. (Ed.). Manuel González Jiménez. Murcia: Real Academia Alfonso X el Sabio, 1998.

CRÓNICA DEL REY DON ALFONSO X. *In*: ROSELL, D. C. (Ed). **Crónicas de los Reyes de Castilla**. Madrid: Atlas, 1953. t. 1 (BAE).

CRÓNICA DE ALFONSO X. (Ed.). José Luis Villacañas Berlanga. S. l.: Biblioteca Saavedra Fajardo, 2005. Disponível em:

<<http://saavedrafajardo.um.es/WEB/archivos/NOTAS/RES0021.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2013.

CHRONICLE OF ALFONSO X. Translated by Shelby Thacker and José Escobar. Lexington: The University Press of Kentucky, 2002.

recurso a outras fontes, principalmente documentales, y con el buen criterio del historiador"
GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel. Op. Cit., p. 177.

DUMOULIN, O. **Cronologia**. In: BURGUIÈRE, A. (Org.) **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

ELIAS, Norbert. Sobre a sociogênese do Estado. In: ELIAS, Norbet. **O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v.2. p. 87 – 190.

FINLEY, Moses. **História Antiga: Testemunhos e Modelos**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FUNES, Leonardo. Las Crónicas como objeto de estudio. **Revista de poética medieval**, Buenos Aires, v. 1, p. 123-144, 1997. Disponível em: <<http://dspace.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/4285/Las%20Cr%C3%B3nicas%20como%20Objeto%20de%20Estudio.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 19 abr. 2014.

GEARY, Patrick. Memória. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. v. 1. Bauru, SP: Edusc, 2006. p.167-181.

GONZÁLEZ JIMÉNEZ, M. Una nueva edición de la Crónica de Alfonso X. **Cahiers de linguistique hispanique médiévale**, v. 23, n. 1 p. 177-212, 2000. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/cehm_0396-9045_2000_num_23_1_918>. Acesso em: 21 dez. 2012.

GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel. **Alfonso X El Sabio**. Barcelona: Ariel, 2004.

GUENÉE, Bernard. História. In: LE GOFF, Jacques.; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. v. 1. Bauru, SP: Edusc, 2006. p. 523–536.

GUIMARÃES, Marcela Lopes. Crônica de um gênero histórico. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, Curitiba, n. 2, p. 67-78, 2012. Disponível em: <<http://dialogosmediterrânicos.com.br/index.php/RevistaDM.../23/65>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

KELLER, John Esten. Preface. In: **CHRONICLE OF Alfonso X**. Shelby Thacker, José Escobar (Ed.). Lexington: The University Press of Kentucky, 2002.

MARTÍNEZ, Purificación. La imagen del monarca en la Crónica de Alfonso X. CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN INTERNACIONAL DE HISPANISTAS, 13., Madrid, 2000. **Actas...** Madrid: s/n, 2000. Disponível em:

<http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/13/aih_13_1_027.pdf>. Acesso: 08 fev. 2013.

MASSAUD, M. **A criação literária: prosa**. São Paulo: Cultrix, 1984.

RECUERO LISTA, Alejandra. La política matrimonial durante o reinado de Alfonso XI de Castilla. **Estudios Medievales Hispánicos**, v. 3, p. 151–172, 2014. Disponível em:

<https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/661936/emh_3_5.pdf?sequence=1>. Acesso em: 02 mar. 2016.

REIS, Jaime Estevão dos. **Território, legislação e monarquia no reinado de Alfonso X, o sábio (1252 – 1284)**. Assis, 2007. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.

RODGERS, Paula Kelley. **Prolegomena to a Critical Edition of the “Cronica de Alfonso X”**. Michigan: University Microfilms Service, 1987. Disponível em: <<http://escholarship.org/uc/item/3rk2d1ft#page-17>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

SANCHEZ-ARCILLA BERNAL, José. **Alfonso XI (1312-1350)**. Palência: La Olmeda, 1995.

SOUZA JUNIOR, Almir Marques. **As duas faces da realeza na Castela do século XIII: Os reinados de Fernando III e Alfonso X**. Niterói, 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2009_Almir_Marques_de_Souza_Junior-S.pdf>. Acesso: 05 jan. 2013.

TULIANI, Maurizio. La idea de Reconquista en un manuscrito de la Crónica General de Alfonso X el Sabio. **Studia Historica. Historia Medieval**, v. 12, p. 3-23, 1994. Disponível em: <http://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/69793/1/La_idea_de_Reconquista_en_un_manuscrito_.pdf>. Acesso: 01 jan. 2013.

VILLACAÑAS BERLANGA, José Luis. **Reseña a Crônica de Alfonso X**. Biblioteca Saavedra Fajardo, Espanha, 2005. Disponível em: <<http://www.saavedrafajardo.org/Archivos/NOTAS/RES0021.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2013.

ENDEREÇOS PARA CORRESPONDÊNCIA:

Jaime Estevão dos Reis
Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Departamento de História.
Avenida Colombo, 5790, Zona 7.
Maringá-PR - Brasil. CEP: 87020-900.

Luiz Augusto Oliveira Ribeiro
Rua Vereador Primo Monteschio, 238, Zona 02.
Maringá-PR – Brasil. CEP. 87005-000